



MARIANA E BRUMADINHO: VOZES DE VÍTIMAS E JUSTIÇA NO DESASTRE AMBIENTAL DE MINAS GERAIS

Shirley Maria Batista (Università degli Studi di Udine, Itália)

Abstract: Studies on the relationship between language and ecology have brought attention to the effects of human action on the system on which life depends by identifying discourses and worldviews included in language use along with their impacts on biodiversity. Following this perspective, this article deals with discourses about the collapses of the Mariana and Brumadinho dams with the objective of accessing and analyzing the narrative of the events from the perspective of the victims, the re-presentation of the victim and the construction of justice as a discourse. Based on the combination of interdisciplinary perspectives from Ecolinguistics, Ecocriticism and Partnership Studies, the analysis is based on methodological instruments for identifying discourses and debates about stories (STIBBE, 2021). It also starts with an Ecosophy founded on the principles of care, partnership, protection and justice (EISLER, 1988, 2018; EISLER; FRY, 2019).

Key words: Ecolinguistics; Mariana and Brumadinho dam collapse; *Stories*; *Partnership*.

Resumo: Os estudos sobre as relações entre língua e ecologia levaram a atenção para os efeitos do agir humano sobre o sistema do qual a vida depende através da identificação de discursos e visões do mundo incluídas no uso da língua juntamente com seus impactos na biodiversidade. Seguindo essa perspectiva, esse artigo trata de discursos sobre os desabamentos das barragens de Mariana e Brumadinho com o objetivo de acessar e analisar a narrativa dos eventos na perspectiva

das vítimas, a reapresentação de vítima e a construção de justiça como discurso. Baseado na junção de perspectivas interdisciplinares de Ecolinguística, Ecocrítica e Partnership Studies, a análise baseia-se nos instrumentos metodológicos para a identificação de discursos e debates sobre *stories* (STIBBE, 2021). Parte-se também de uma Ecosofia fundada nos princípios de cuidado, *partnership*, proteção e justiça (EISLER, 1988, 2018; EISLER, FRY, 2019).

Palavras-chave: Ecolinguística; Rompimento das barragens de Mariana e Brumadinho; *Stories*; *partnership*.

1. Introdução

Os estudos das relações entre língua e ecologia avançados pela ecolinguística nos permitem entender como determinados discursos promovem modos de comportamento mais ou menos benéficos para com a ecologia, pois na ótica ecolinguística a língua não é meramente um código de comunicação, mas uma forma de comportamento, como sugere a expressão “atos linguísticos” ao definir a vasta gama de atos que uma comunidade de falantes pode realizar através de sua língua. Muitos são os exemplos do agir humano sobre os sistemas que suportam a existência da vida no planeta, desde questões ambientais a questões sociais, que se manifestam como resultados de visões de mundo e ideologias impregnadas na língua e colocadas em prática por parte de poderes dominantes. Sendo uma forma de comportamento e interação, a língua pode criar uma enorme quantidade de possibilidades que podem se tornar ordinárias ou convenções, e uma vez que baseadas em pressuposições (ideologias), tais formas de comportamento, ordinárias ou convenções legitimam relações sociais e diferenças de poder, como afirma Fairclough (2001, p. 2). De fato, formas de domínio e exploração demonstram, como se vê em Halliday (1990), a capacidade da língua de moldar a experiência humana e criar significados.

A língua reflete o modo em que os seres humanos se relacionam entre si e com o mundo, pois “o mundo natural é influenciado por nossos pensamentos, conceitos, ideias, ideologias e visões de mundo que, por sua vez, são moldados pela língua” (STIBBE, 2021, p. 2). Existe então uma profunda correlação entre língua e ambiente, visto tanto como natural quanto social, que pode ser identificada por exemplo em situações de estereotipização como os exemplos citados por Couto tais como antropocentrismo, etnocentrismo, androcentrismo, sexismo, racismo e classismo (COUTO, 2009, p. 130-135). A visão ecossistêmica da língua (COUTO, 2016, p. 389) mostra,

ECO-REBEL

portanto, que a língua funciona em uma rede de inter-relações dentro de três ambientes interconexos: o ambiente natural, mental e o social.

Diferentes visões do mundo levam a diferentes estratégias e modelos de organização social, como demonstrado pela estudiosa Riane Eisler em sua teoria sobre a evolução cultural. Eisler (1988) identifica dois modelos basilares de organização social: o modelo do dominador, baseado em formas de *ranking*, e o modelo de parceria (*partnership model*), baseado em formas de *linking*. O modelo do dominador e o modelo de *partnership* formam as extremidades de um continuum em cujo interior se encontram numerosas polarizações e oposições binárias. A teoria explica claramente como a maior parte das questões que afligem a sociedade em escala global são na realidade consequências do modelo do dominador e de suas estruturas hierárquicas. Um exemplo é claramente a visão do meio ambiente como fonte de recursos para serem explorados a favor do bem-estar econômico humano, onde se entende como “humano” um grupo social limitado, ao passo que os povos indígenas, as comunidades locais e tradicionais, assim como os ecossistemas em que vivem, se tornam vítimas de um processo que é antes de tudo ideológico. Uma visão oposta ao modelo do dominador é a visão ecocêntrica do mundo que se reflete, por exemplo, na língua dos *Borun*: “O córrego da Gata é igual a nossa mãe, todos os córregos são iguais a nossa mãe” (KRENAK et al., 2009, p. 21). Fica assim evidente o poder da língua não só para criar significados para o mundo mas também para definir o tipo de comportamento que a sociedade adota e as consequências a que os mesmos levam. Afinal,

[...] a língua é ao mesmo tempo uma parte da realidade, um modelador da realidade e uma metáfora para a realidade. [...] Em primeiro lugar, como parte da realidade, ela possibilita que as pessoas coordenem práticas materiais e estabeleçam as relações sociais que as acompanham. Em segundo lugar, ao permitir que essas formas evoluam também, como o “gerador” da realidade, tanto garante quanto ao mesmo tempo restringe suas evoluções em outro sentido. [...] E assim, em terceiro lugar, como uma metáfora para a realidade, a língua reencena, simultaneamente, em seu próprio sistema-e-processo interno, através de múltiplas formações fractais, as várias contradições e complementaridades que impõem à realidade que ela está construindo (HALLIDAY, 1990,p. 146).

As relações entre língua e meio ambiente são evidentes também na própria ecologia da língua: uma mudança no ambiente natural de uma língua pode impactá-la drasticamente. Quando uma

comunidade indígena ou tradicional perde o próprio ambiente natural, a perda envolve também a sabedoria tradicional e a cultura associada ao ambiente natural que se manifestam e se transmitem através da língua. O borun que perde o seu rio, perde um parente, uma fonte de sustento físico e espiritual, uma escola, a possibilidade de transmitir a própria cultura e a própria língua.

Passando então de uma visão dominadora a uma visão de *partnership* se torna claro que desastres ambientais, como o de Mariana e Brumadinho, causados pelo agir humano, devem ser considerados por uma ótica mais ampla para que a retórica do desastre não se limite a uma representação aproximativa que permita subestimar as consequências desses fatos. A opção de analisar os discursos sobre Mariana e Brumadinho da perspectiva das vítimas nasce da necessidade de se distanciar das “grandes” vozes da mídia com sua linguagem geralmente sensacionalista e dar espaço à ecologia das “pequenas” vozes.

2. Mariana e Brumadinho: uma análise linguística

A partir do contexto das relações entre língua e ambiente, defendi a dissertação *Mariana and Brumadinho: Voices of Victims and Justice in the Environmental Disaster of Minas Gerais* (2022, não publicada), baseada na análise e discussão de discursos sobre as tragédias das barragens de Mariana (2015) e Brumadinho (2019) em Minas Gerais, envolvendo a atividade de mineração. A dissertação focaliza especificadamente a apresentação dos fatos e suas consequências segundo a perspectiva das vítimas e se baseia numa análise linguística que utiliza como arcabouço teórico a proposta de Stibbe (2021) para análise e discussão de ‘narrativas com que convivemos’ (*stories we live by*), ou seja, modelos mentais que influenciam o comportamento humano (STIBBE, 2021). Para a avaliação dos modelos mentais (*stories*) foi também formulada uma ecosofia fundada nos princípios de *partnership*, proteção, cuidado e justiça e que recusa qualquer forma de violência, destruição e violação de direitos. O objetivo é a identificação das escolhas linguísticas feitas na construção da identidade de vítimas e no discurso de justiça.

Para a análise dos materiais foi utilizada uma lente ecocrítica baseada na junção dos princípios de *Partnership*, dos valores da ecocrítica como linha de investigação e dos instrumentos e conhecimentos fornecidos pela ecolinguística, juntamente com a análise ecocrítica do discurso. Assim como a ótica de *partnership* nos permite superar a oposição binária humano/natureza e chegar à reavaliação do ser humano como parte integrante da biodiversidade, a ecocrítica tenta recuperar o valor do mundo além do humano em uma discussão em defesa da natureza que está

ECO-REBEL

associada também com a busca de uma justiça social (RIGBY, 2002, p. 4). Por fim, a análise do discurso no contexto da ecolinguística se concentra em discursos sobre o ambiente e sobre questões ecológicas baseados no conceito de ecologia como metáfora que considera uma vasta gama de aspetos como os habitantes de uma ecologia, a sua diversidade, o seu equilíbrio e as inter-relações entre os seus habitantes (FILL; MÜHLHÄUSLER, 2001, p. 3). Dessa forma, a própria língua é vista como parte integrante da ecologia, o que por sua vez permite uma abordagem pela análise do discurso que considere todos os aspetos, elementos e fenômenos linguísticos juntamente com suas implicações na construção de significados e suas consequências no mundo físico.

[...] A ecolinguística, então, trata de criticar as formas de linguagem que contribuem para a destruição ecológica e auxiliar na busca de novas formas de linguagem que inspirem as pessoas a proteger o mundo natural.

[...] A ecolinguística pode explorar os padrões mais gerais de linguagem que influenciam no como as pessoas pensam e tratam o mundo. Pode investigar as histórias pelas quais vivemos – modelos mentais que influenciam o comportamento e estão no cerne dos desafios ecológicos que enfrentamos (STIBBE, 2021, p. 1).

O material analisado¹ consta de três diferentes textos: a letra da música *O que dirá o mar?* (2020) de Dimir Viana; o texto da entrevista à líder indígena Shirley Krenak por Júlia Neiva (Business & Human Rights Resource Centre – 26 de Novembro 2016); depoimentos de vítimas de Brumadinho no relatório *270 Deaths Foretold, Report of the International Independent Commission of Inquiry on the Impact of the January 25, 2019 Brumadinho Dam Collapse* (The International Commission for Labor Rights, Critical Assistance for Working People and Trade Unions Worldwide, 2019).

O método de análise proposto por Stibbe (2021) se baseia na análise de esquemas linguísticos com foco em aspectos sociocognitivos permeados de manifestações linguísticas tais como “ideologias, arcabouços [framings], metáforas, avaliações, identidades, convicções, apagamentos, saliência e narrativas” (STIBBE, 2021, p. 16). Essas *stories* são consideradas com relação à ecosofia do analista e avaliadas como benéficas, destrutivas ou ambivalentes, de modo que é possível não só identificar um determinado discurso, mas também a reação mais adequada, ou seja, se tal discurso deve ser promovido, rejeitado ou aperfeiçoado:

¹ A dissertação foi idealizada e completada em língua inglesa e os materiais analisados foram considerados em versões traduzidas do português para o inglês.

ECO-REBEL

[...] histórias que valorizam e celebram a vida e o bem-estar de todas as espécies apelam à redução do consumo e promovem a redistribuição de recursos são avaliadas positivamente. Por outro lado, as histórias que tratam as pessoas ou outras espécies como recursos a serem explorados, promovem a distribuição desigual de recursos e o acúmulo de bens materiais se manifesta (STIBBE, 2021, p. 16).

A análise apresentada na dissertação tem como foco cinco tipos de recursos (*devices*) linguísticos:

1. *Frames*: um *frame* é um conjunto de conhecimentos sobre uma determinada área da vida (STIBBE, 2021, p. 40) e o processo de *framing* permite a aplicação de um conjunto de conhecimento proveniente de uma determinada área da vida em uma outra área;
2. *Identities*: identidades são construções cognitivas que podem ser definidas através de elementos que contribuem para uma “descrição” de um indivíduo/grupo de indivíduos; podem ser manifestadas através de formas particulares de expressão como vestimentas, escritura, fala, comportamento (STIBBE, 2021, p. 107); podem ser enfatizadas, ignoradas, minimizadas, explicitadas, implicadas, interpretadas e consideradas juntamente com outros discursos e sistemas semióticos de construção de significados (BENWELL; STOKOE, 2006, p. 3-4);
3. *Narratives*: construídas com uma sequência lógica de fatos, inclusos sujeitos, causas, efeitos; narrativas podem expressar intenções, motivações, relações entre causa e efeito, transmitir uma certa ética e atribuir culpabilização (STIBBE, 2021, p. 182).
4. *Exclusion*: forma de supressão, *backgrounding*, abstração, exclusão, meio usado em geral para “afastar” a atenção sobre determinados participantes ou áreas da vida (STIBBE, 2021, p. 141);
5. *Salience*: processo mental pelo qual uma determinada área da vida é representada como importante ou digna de atenção (STIBBE, 2021, p. 160).

O processo de análise se concentra nos itens léxico-gramaticais, nos esquemas linguísticos e nos discursos presentes nos textos selecionados e considera também aspectos socioculturais que influenciam os cinco *devices* acima citados e usados na representação de eventos, vítimas e justiça.

O texto da música *O que dirá o mar?* e da entrevista com a líder indígena Shirley Krenak foram divididos em sequências de frases em que mensagem e significado estão inteiramente expressos. O texto do relatório sobre as vítimas de Brumadinho foi dividido por depoimentos.

ECO-REBEL

Vale lembrar que a dissertação vê a interação entre duas línguas, português e inglês, e que a língua objeto de análise conta com técnicas de tradução e interpretação.

Os resultados da análise linguística dos três textos podem ser resumidos da seguinte tabela²:

	Event representation	Victim identification	Justice conception
Text 1: <i>O que dirá o mar?</i>	A flowing failure; a case of injustice	An anthropomorphised nature; set of values, symbols, traditions, cultural items; the social and physical environment	A living and acting sacred entity; inviolable; beyond human laws
Text 2: <i>Interview with Shirley Krenak</i>	A tragedy in a context of “fight”	The Krenak people as warriors, not forgetful, and other-than-human; Rio Doce as humanized entity	Unequal, based on power relations

² Tabela presente no texto original da dissertação

ECO-REBEL

<p>Text 3:</p> <p><i>270 Deaths Foretold, Report of the International Independent Commission of Inquiry on the Impact of the January 25, 2019 Brumadinho Dam Collapse</i></p>	<p>A murder by a pen stroke; the loss of happiness; a fault, distress, disservice, an injustice; a crime, the experience of a crusher; a calculus; a lie; a sacrifice, a dying process; a crime of passion; a painful and predictable event, an ongoing process, a physical and spiritual damage; the loss of livelihoods, the</p>	<p>Murdered; deprived from happiness; apology “creditors”; buried and broken, unrecognized by institutional entities; priceless, worthless, numbers; liars, lied to; sacrificial victims, slowly dying; trusting and committed partner; humans and the planet; deprived from livelihoods, ashamed, psychologically damaged, silenced;</p>	<p>An institutional and bureaucratic process; the victim’s purpose, the punishment of the guilty; unfair, not trustworthy; nonexisting</p>
	<p>exercise of power; the loss of life, psychological stability, dignity and future; an apocalypse, a mutilation caused by greed; the loss of normality, an unending and consuming mourning; a source of fear; the loss of humanity</p>	<p>physical, psychological, moral, material and “institutional” victims; mutilated by greed; frightened; guilty and depressed</p>	

ECO-REBEL

Como ilustrado na tabela acima, o discurso de vítima vai além da dimensão física humana. Trata-se de uma identidade que inclui um amplo potencial de representações que podem ser aplicadas também a interações sociais, modos de vida e a própria natureza. Além disso, a identidade de vítima representada por humanos não prioriza determinados grupos em relação a outros, ou seres humanos em relação a natureza. O fenômeno de antropomorfização da natureza como vítima é resultado de uma ótica ecocêntrica que promove um modo mais respeitoso e cuidadoso de viver na e com a biodiversidade.

A identidade de vítima da natureza aparece em duas formas: numa dimensão física, em que é antropomorfizada e comunica seu estado como entidade viva e vítima, e numa dimensão ambiental, entendida como contexto em que as comunidades interagem e constroem suas vidas e identidades.

De modo geral, os desastres de Mariana e Brumadinho aparecem como um caso de “fracasso” humano e “injustiça”, uma “tragédia”, um “crime” contra a humanidade e contra a natureza, uma “mutilação” em diversos aspectos. O domínio semântico de “lei” e criminologia levam a atenção a representação de agência e atribuição de responsabilidade; neste sentido o discurso “justiça” aparece como processo institucional e burocrático não acessível a todos enquanto resultado das relações de poder existentes ao interior da sociedade.

Uma consideração holística dos elementos analisados e discutidos na dissertação comprova o argumento de acordo com o qual as histórias das vítimas de Mariana e Brumadinho não são (somente) histórias de “desastres ambientais”. Os resultados da análise provam que Mariana e Brumadinho são pelo contrário histórias do “desastre humano”, do “fracasso humano” causado por uma sociedade de domínio que põe em risco os sistemas que permitem a existência da vida no planeta, inclusive a vida da humanidade, uma humanidade que é (e deve ser) a expressão de um modo humano de pensar, sentir e agir.

Todos os textos, a despeito das diferenças entre eles, condenam a configuração antropocêntrica, egocêntrica, materialista, consumista e dominadora da sociedade de hoje, cuja representação se encontra em muitos exemplos como os desastres de Mariana e Brumadinho. Neste contexto, a configuração de domínio tem suas origens na história de colonização do Brasil, com suas consequências ambientais, e persiste através de numerosos níveis de injustiça conexos, com a longa presença do setor de mineração no país. Ao mesmo tempo, os textos promovem a

necessidade de um sistema mais responsável, ecocêntrico, justo e sustentável onde seres humanos e biodiversidade convivem harmoniosamente como um todo.

3. Conclusão

Os eventos de Mariana e Brumadinho reúnem uma grande variedade de questões problemáticas: destruição da natureza, problemas sociais, interesses políticos, desigualdade econômica, territorialidade, direitos humanos, tradições culturais, equilíbrio da biodiversidade. O ponto em comum entre essas questões é dado por dois (f)atores: a humanidade e a natureza, onde a segunda compreende a primeira. Para obter uma visão global do cenário em que as interações entre humanos e natureza são concebidas em discursos sobre Mariana e Brumadinho, foi necessário considerar aspectos históricos, econômicos, sociais e culturais do contexto.

Os instrumentos fornecidos pelo referencial teórico, a abordagem crítica e objetiva, assim como o conjunto de conhecimentos adquiridos, levaram à conclusão de que a perspectiva de vítima não considera somente seres humanos mas também, e especialmente, a humanidade como valor. Se trata de seres humanos não na pirâmide da vida mas no círculo da vida; se trata não de seres humanos com o mundo, mas de ser humanos o mundo.

Os discursos sobre Mariana e Brumadinho transformam a retórica do desastre “material” e mudam o foco para a retórica do “desastre humano” como perda de humanidade. *Desastre, fracasso, tragédia, crime, injustiça* se tornam sinônimos da desumanização causada pela sociedade de domínio. As vítimas de Mariana e Brumadinho são vítimas porque perderam suas vidas, suas famílias, suas casas, suas tradições, sua relação com o território e os valores sobre os quais fundaram suas existências.

Em conclusão, Mariana e Brumadinho devem ser pensados não como desastres ambientais mas como crimes contra a biodiversidade e todos os seus componentes: desde o rio até a tribo indígena, desde o território até a família de agricultores, desde a floresta até as comunidades locais.

Referências

BENWELL, B.; STOKOE, E. *Discourse and Identity*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

ECO-REBEL

COUTO, H. H. Ecolinguística. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 10, n. 1, p. 125-149, 2009.

COUTO, E.K.; COUTO, H.H. *Ecolinguística, Linguística Ecosistêmica e Análise do Discurso Ecológica (ADE)*. *Signótica*, v. 28, n. 2, p. 381-404, 2016.

EISLER, R. *The Chalice and the Blade. Our History, Our Future*. San Francisco: Harper Collins, 1988.

EISLER, R. (2018) *Contracting or Expanding Consciousness: Foundations for Partnership and Peace*, in *Interdisciplinary Journal of Partnership Studies* v. 5, n. 3, Article 5, Fall.

EISLER, R., FRY, D.P. *Nurturing our Humanity*, New York: Oxford University Press, 2019.

FAIRCLOUGH, N. (2001) *Language and Power*, London: Longman.

FILL, A. F., MÜHLHÄUSLER, P. (2001) Introduction. In: FILL, A. F., MÜHLHÄUSLER (orgs.) *The Ecolinguistics Reader: Language, Ecology and Environment*. New York: Continuum, p. 1-9, 2001.

HALLIDAY, M. A. K. New Ways of Meaning. In: WEBSTER, J. (org.) (2003) *On Language and Linguistics*, New York: Continuum, p. 139-174, 1990.

KRENAK, I. et al. *Uatu Hoom*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras-UFMG/Edições Cipó Voador, 2009.

RIGBY, K. *Ecocriticism*. In: WOLFREYS, J. *Literary and Cultural Criticism at the Twenty-First Century*, Edinburgh: Edinburg UP, p. 151-178, digitalized pdf for ASLE by Edinburgh UP, retrieved from www.asle.org (last accessed on 29th October 2021), 2002.

STIBBE, A. *Ecolinguistics. Language. Ecology and the Stories We Live By*. New York: Routledge, 2021.

Dados analisados

Entrevista com Shirley Krenak/ Interview with Shirley Krenak (2016), available on: <https://www.youtube.com/watch?v=CnI99Siq-ak> (last accessed on 10th September 2021).

Moreira, G. (2020) *Letra e Música “O que dirá o mar?”*, de Dimir Viana, na voz de Sérgio Pererê, [HTTP://GILVANDER.ORG.BR/SITE/LETRA-E-%EF%BB%BFM%C3%9Asica-QUE-DIRA-O-MAR-DE-DIMIR-VIANA-NA-VOZ-DE-SERGIO-PERERE/](http://gilvander.org.br/site/letra-e-%EF%BB%BFm%C3%9Asica-que-dira-o-mar-de-dimir-viana-na-voz-de-sergio-perere/) (last accessed on 10th September 2021).

ECO-REBEL

270 Deaths Foretold: Report of the International Independent Commission of Inquiry on the Impact of the January 25, 2019 Brumadinho Dam Collapse (2019), available

on: <https://justice-project.org/resources-and-publications/relatedpublications/country-specific/brazil/> (last accessed on 10th September 2021).

Aceito em 11 de abril de 2023.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 9, N. 2, 2023.